

## **SÍNDROME DE BURNOUT: ESGOTAMENTO CORPORAL E MENTAL VIVIDO POR PROFISSIONAIS**

**Lucilaine Costa Silva Pereira**<sup>1</sup>  
**Magalí de Paula Silva Santana**<sup>2</sup>

[psicomagalisantana@gmail.com](mailto:psicomagalisantana@gmail.com)

**ÁREA DE CONHECIMENTO:** Ciências Humanas

### **RESUMO**

As organizações têm evoluído diariamente e conseqüentemente se tornam mais complexas e multiformes. Essas transformações têm ocorrido devido a um novo modelo de conglomerado capitalista, o que implica diretamente na instabilidade social do trabalhador. A SB (Síndrome de Burnout) é uma consequência desencadeada pelo estresse no trabalho, sendo avaliada em aspectos como: a exaustão emocional, fadiga, despersonalização, dentre outros. O presente estudo buscou evidenciar o contexto da SB e demonstrar os impactos negativos causados por ela, na vida laboral e social do indivíduo. Percebeu-se que há necessidade de haver intervenções voltadas para as pessoas que sofrem com o desgaste na vida laboral, e que essas intervenções visam abrandar os níveis de estresse ocupacional, e que possam ser trabalhadas de forma a fazer renascer o amor-próprio/autoestima, sendo estimulada a autoconfiança e o autocuidado, para que possa ser construído um espaço de trabalho saudável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Síndrome de Burnout; exaustão emocional; trabalho

### **INTRODUÇÃO**

O tema deste estudo é um tema que afeta profundamente a vida de pessoas que buscam o bem-estar físico e emocional no trabalho. Falar sobre a Síndrome de Burnout (SB) é entrar em um assunto que faz parte da vida das pessoas: o sofrimento relacionado ao trabalho. Trata-se de uma síndrome enfrentada por grande parte da população mundial. A classificação da Síndrome de Burnout – na língua inglesa, “combustão completa” – foi elaborada pelo psicanalista Herbert Freudenberger, em 1970, para constituir uma resposta ao esgotamento corporal e mental vivido por profissionais (FREUDENBERGER, 1974).

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix.

<sup>2</sup> Psicóloga, Psicopedagoga, Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix.

Os elevados índices de estresse trabalhista relacionados ao bem-estar estrutural e emocional dos profissionais, tem se tornado propósito de práticas científicas em determinado período de tempo, abordando uma tribulação na saúde. O esgotamento trabalhista é consequência da perspectiva do profissional de que o espaço de trabalho é alarmante no quesito da saúde corporal e/ou intelectual, por crer que esse espaço contém requisição excedente ou pelo fato de o mesmo não compreender meios suficientes para afrontá-los (FRANÇA & RODRIGUES, 1997).

A Síndrome de Burnout abala a saúde corporal e emocional dos trabalhadores resultando em sequelas alarmantes em níveis pessoais e organizacionais, ocasionando claramente a necessidade de tomar devidas medidas a sua sintomatologia. Os planejamentos de prevenção para a Síndrome de Burnout agregam a necessidade de intervenções individuais, institucionais ou, havendo compreensão entre as mesmas (MELO & CARLOTTO, 2017; MOSS *et al.*, 2016).

O objetivo deste estudo é analisar a SB em funcionários de uma instituição de ensino superior.

Trabalhos como estes são essenciais para informar o público e para demonstrar as vias de atuação e intervenção do psicólogo que "nesses" casos visam fornecer o apoio e atender as demandas dos indivíduos para amenizar os danos causados pelo trabalho (Síndrome de Burnout), visando o bem-estar do profissional e o bom desempenho do mesmo.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Em 2019, a síndrome de Burnout foi codificada na Classificação Internacional de Doenças CID-11 (código QD 85), na categoria "problemas associados" ao emprego ou ao desemprego (Organização Mundial da Saúde /OMS, 2019). Nesta recente edição, a SB é definida como um fenômeno ligado ao trabalho que afeta a saúde do profissional, resultante de um estresse crônico no ambiente laboral que não foi administrado com êxito. Em comparação à edição anterior, a principal mudança trazida pelo CID-11 refere-se à caracterização da síndrome por três

elementos: sensação de esgotamento; cinismo ou sentimentos negativos relacionados a seu trabalho; e eficácia profissional reduzida (OMS, 2019). A descrição corresponde à concepção tridimensional da SB proposta por Maslach (1976), reafirmando a consistência e coesão deste modelo teórico.

A exaustão emocional é caracterizada pelos sentimentos de estar sobrecarregado e exaurido de seus recursos físicos e emocionais, levando ao esgotamento de energia para investir nas situações que se apresentam no trabalho (MASLACH et al., 2001). Esta dimensão é considerada qualidade central e manifestação mais óbvia da síndrome, estando associada a sentimentos de frustração diante da percepção dos profissionais de que não possuem condições de deprender energia para atender os pacientes como faziam anteriormente (MASLACH & LEITER, 2008; CARLOTTO & CÂMARA, 2008).

A literatura aponta que o surgimento destes sintomas ocorre gradualmente e que a SB resulta da discrepância entre as expectativas e idealizações do indivíduo e a realidade da prática profissional (SCHAUFELI & BUUNK, 2003). Sua etiologia, portanto, é multifatorial e pressupõe uma combinação de aspectos individuais associados às condições e relações no trabalho (MASLACH & JACKSON, 1981; MASLACH et al., 2001; BENEVIDES-PEREIRA, 2002). Concomitantemente podem ser identificados sintomas como falta de atenção, alterações de memória, lentificação do pensamento, sentimentos de alienação, solidão e impaciência, além de sintomas físicos como insônia, fadiga constante, tensão muscular, dores de cabeça e problemas gastrointestinais (MASLACH et al., 2001; BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Também para alguns autores franceses em sociologia do trabalho, o crescente sucesso da noção de estresse estaria vinculado a um processo de individualização (por ser uma temática “centrada sobre o indivíduo”) e, mais especificamente, de psicologização (pois obriga a considerar o “sofrimento interior, íntimo, moral das pessoas”). Paradoxalmente, apesar de ter propiciado a

psicologização do mal-estar no trabalho, a noção de estresse teria tido origem não em teorias psicológicas, e sim fisiológicas (BUSCATTO; LORIOLO; WELLER, 2008).

O sociólogo Marc Loriot (2000) vê o Burnout, juntamente com a síndrome da fadiga crônica, como duas formas contemporâneas de discurso sobre a fadiga (a primeira com viés teórico mais psicológico, a segunda mais biologicamente orientada). Sua abordagem entende a individualização em uma dimensão histórica, ou seja, como um processo social.

De acordo com Alonso (2014), o alto nível de exigência e a grande competitividade no mercado de trabalho propiciam maior vulnerabilidade aos trabalhadores, favorecendo o aumento da incidência do esgotamento profissional, também conhecido como sinônimo de síndrome de Burnout, o esgotamento profissional afeta aproximadamente 4% da população economicamente ativa em todo o mundo.

Por tal razão, a Síndrome de Burnout tem sido apreciada como um problema social de ampla relevância, suscitando pesquisas em diversos países, uma vez que se encontra vinculada a grandes custos organizacionais e pessoais. Alguns desses devem-se à rotatividade de pessoal, absenteísmo, problemas de produtividade e de qualidade do trabalho, além da visão negativa da instituição e do incremento de acidentes ocupacionais. Deste modo, pode resultar em prejuízos no processo de trabalho e saúde (BATISTA *et al.*, 2010; EZAIAS *et al.*, 2010).

Partindo dessa premissa, o interesse pelo estudo da qualidade de vida (QV) rompe, por seu tempo, as fronteiras da área de saúde e, atualmente, institui um debate interdisciplinar em busca de avanços concretos para os atores sociais no âmbito das organizações. Embora fértil, tal diversidade demarca alguns dissensos teóricos metodológicos em torno do construto, exigindo do pesquisador maior rigor na delimitação do objeto de estudo em questão (ALMEIDA, GUTIERREZ & MARQUES, 2012).

As mudanças no desenvolvimento trabalhista, foram acontecendo diante da evolução da tecnologia, manifestando um acréscimo de competitividade, onde os

colaboradores começaram a ter receio e medo de serem trocados por máquinas, o que motivou na adição de ansiedade, tensão e insegurança, gerando sofrimento psíquico ao trabalhador (SIMÕES, 2013).

Na busca de produtividade e competitividade, certos modelos de gestão valorizam estilos mais agressivos ou, até mesmo, fomentam o aumento nos índices de conflito para estimular a concorrência interna e externa. Entretanto, este tipo de gestão nem sempre se mostra eficaz e pode ser prejudicial, tanto para a empresa quanto para os funcionários, pois descartam colaboração e fragmentam equipes” (LORENTZ; LIMA e MAESTRO FILHO, 2011, p. 8).

## **METODOLOGIA**

O presente artigo é um estudo qualitativo que surgiu a partir da experiência de estágio em Psicologia. Foram realizados seis encontros, durante seis semanas, com duração de cinco horas por dia. Creswell (2007, p.186) coloca como ponto de partida que “a pesquisa qualitativa, tem em sua perspectiva o ambiente real, onde fatos e dados para uma boa pesquisa, sendo feitas através de coletas descritivas, se torna o principal instrumento da pesquisa qualitativa”. A pesquisa aconteceu de forma presencial no setor organizacional de uma instituição de ensino superior de uma cidade do interior de Minas Gerais.

Para a coleta de dados foi utilizado o método de observação e aplicação de questionários aos funcionários da instituição de ensino superior. A observação, de acordo com Ludke e André (1986), precisa, antes de tudo, ser controlada e sistemática para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

A forma de análise da coleta de dados acontecerá por meio da análise descritiva. Essa metodologia se caracteriza pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo (GIL, 1999).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estágio foi realizado presencialmente no setor organizacional da Univértix em Matipó, estado de Minas Gerais, contendo a participação das estagiárias do sétimo e décimo período de Psicologia, o psicólogo da instituição e os participantes que responderam aos questionários. Com o estágio buscamos “observar” as diversas atividades que podem ser desenvolvidas dentro de uma instituição, e com elas desfrutarmos de uma vivência e aprendizado que poderá ser utilizado dentro de nossa profissão. Durante o período de estágio trabalhamos com a aplicação de questionário, sendo relacionado a SB (Síndrome de Burnout). O esgotamento profissional possui um processo, que se desenvolve de maneira lenta; portanto, é raramente notado no período inicial (Batista et al., 2010). Todavia a síndrome é a diagnose de um processo diário, com sensações e sentimentos de inquietude relacionados ao trabalho e por possuir falta de meios para enfrentá-los (FERREIRA & LUCCA, 2015). De acordo com Benevides-Pereira (2010), o Burnout constitui uma doença multidimensional caracterizada por três aspectos, a saber: (1) exaustão emocional, (2) despersonalização e (3) baixa realização profissional.

Durante o estágio foram abordadas as formas de como a instituição avalia os critérios essenciais para o bom funcionamento da mesma. No decorrer das atividades foi criado pelas estagiárias um questionário, desenvolvido através de perguntas afirmativas, e com uma escala de respostas de 1 a 5, onde quem responde 1 refere-se a: concordo totalmente; 2 concordo; 3 não concordo e nem discordo; 4 discordo e 5 discordo totalmente e o tema alvo desse questionário foi à Síndrome de Burnout. Sendo algumas das perguntas: Sinto que estou emocionalmente desgastado(a); Sinto-me excessivamente exausto(a) ao final da minha jornada de trabalho; Levanto-me cansado(a) e sem disposição para realizar o meu trabalho, entre outras.

A exaustão emocional é identificada dentre alguns aspectos sendo eles, “sensações” de sobrecarga e de insuficiência em suas características emocionais e físicas, o que desencadeia o esgotamento de energia para investir em situações

vivenciadas no trabalho (MASLACH et al., 2001). Esta dimensão considerada qualidade central e a revelação mais viável, se associa a sentimentos de frustrações diante dos profissionais, por pensarem não possuir energia suficiente para lidar com clientes como era feito anteriormente (MASLACH & LEITER, 2008; CARLOTTO & CÂMARA, 2008). Desta forma o indivíduo vivencia um declínio em suas emoções de competência e êxito, bem como os de sua capacidade de interação com outras pessoas (CARLOTTO & CÂMARA, 2008).

Embasados em Carvalho e Moraes (2011) e Lima, Santos Jr. e Xavier (2011), Fernandes e Ferreira (2015) evidenciam que, além de não viabilizar o aumento da produtividade no âmbito laboral, a sobrecarga e pressão pode acarretar o adoecimento do profissional/trabalhador, comprometendo o desempenho e a meta da missão da organização. Nesta conjuntura, os autores ressaltam que a produtividade pode ser simplificada nos ambientes de trabalho em que a qualidade de vida se faz presente, para que seja dada a importância necessária, onde o gestor de recursos humanos tenha sensibilidade de detectar possíveis fatores que desencadeiam o estresse ocupacional. Embora o tema qualidade de vida no trabalho (QVT) soe instigante, autores como Padilha (2010) e Ferreira (2011) defendem que o suposto cuidado das instituições se formulam muito mais como um exercício motivado pela produção do que pelo bem-estar dos trabalhadores. Desta forma, as práticas de melhoria da QVT acabam funcionando como estratégia gerenciais, ou seja, uma maneira de dar assistência e comprometimento para o trabalho e não objetivamente a saúde e bem-estar.

Nas palavras de Dejours (1994), a transformação de um trabalho fatigante por um trabalho equilibrante é necessária, flexibilizar a organização do trabalho, de maneira a deixar maior liberdade para rearranjar sua forma operária e para atender os gestos capazes de lhe dedicar prazer, ou seja, uma expansão ou uma diminuição de sua carga psíquica no trabalho.

Com a vivência do estágio e em busca de estudos para o desenvolvimento deste estudo, é possível perceber a necessidade de haver intervenções voltadas

para as pessoas que sofrem com o desgaste na vida laboral, e que essas intervenções visem abrandar os níveis de estresse ocupacional, e que possam ser trabalhadas de forma a fazer renascer o amor-próprio/autoestima, sendo estimulada a autoconfiança e o autocuidado, para que possa ser construído um espaço de trabalho saudável. Lembrando que todo e qualquer cidadão possui direitos, e o direito à saúde é um deles, que possa ser priorizada a saúde mental do colaborador para que ele consiga o bom desempenho no trabalho, de forma a não ser afetado o seu desenvolvimento na área profissional e principalmente o seu bem-estar pessoal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou demonstrar ao público informações acerca do esgotamento profissional e as possíveis causas desta Síndrome. Esse trabalho foi realizado com o intuito de esclarecer pontos duvidosos da Síndrome de Burnout, como ela surge, e o que ela causa. Percebe-se que esse artigo é de extrema relevância, tendo em vista a forma como muitos profissionais têm suas jornadas de trabalho de forma adoecedora e muitas vezes não tem ou não entendem o real sentido de suas frustrações vivenciadas no trabalho.

Na vivência do estágio foi possível perceber o quão importante é a participação de um psicólogo organizacional, pois é necessário intervir em questões como o esgotamento profissional, fadiga, despersonalização para que o trabalhador tenha uma melhor qualidade de vida tanto no trabalho, quanto fora dele, tais intervenções implicam benefícios para os profissionais e para a organização.

Espero que este estudo tenha contribuído para o melhor entendimento sobre a SB, facilitando acerca dos aspectos que entrelaçam o desencadeamento da mesma. Evidenciando a forma negativa de como a SB pode influenciar a vida laboral e pessoal, se não cuidada da maneira correta com profissionais capacitados para intervenção.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, M. A. B. GUTIERREZ, G. L., & MARQUES, R.. **Qualidade de vida, definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2012.

ALISON, F. G. **Síndrome de Burnout: manual de medidas preventivas e identificativas para aplicação pelo engenheiro de segurança do trabalho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/17687>. Acesso em: 20/06/2022.

BATISTA, J.B. , V. *et al.*. Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.13, n.3, p. 502-512, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-790X2010000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2010000300013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20/06/2022.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. (Org.). **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. 4ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BUSCATTO, M.; LORIOL, M.; WELLER, J. M. (Orgs). **Au-delà du stress au travail: une sociologie des agents publics au contact des usagers**. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès, 2008. Acesso em: 20/06/2022.

CARDOSO MCB, ARAÚJO TM. Os Centros de Referências em Saúde do Trabalhador e as ações em saúde mental: um inquérito no Brasil. **Rev Bras Saúde Ocup**. 2016. Acesso em: 20/06/2022.

CARLOTTO, M.S., & CÂMARA, S.G. . Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. **Psico - PUCRS**, v.39, n.2, 152-158, 2008.

CARVALHO, G. M. C., & MORAES, R. D.. Sobrecarga de trabalho e adoecimento no Polo Industrial de Manaus. **Psicologia em Revista**, v.17, n.3, p.465-482, 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/2393>. Acesso em: 20/06/2022.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Acesso em: 20/06/2022.

DEJOURS, Jacques Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/106218>. Acesso em: 20/06/2022.

FERNANDES, L. C., & FERREIRA, M. C. . Qualidade de vida no trabalho e risco de adoecimento: estudo no poder judiciário brasileiro. **Psicologia USP**, v.26, n.2, p.296-306, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642015000200296](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200296). Acesso em: 20/06/2022.

FERREIRA, M. C. . A ergonomia da atividade pode promover a qualidade de vida no trabalho? Reflexões de natureza metodológica. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v.11, p.8-20, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22243> Acesso em: 20/06/2022.

FRANÇA, A.C.L., & RODRIGUES, A.L.. **Stress e trabalho**: guia prático com abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas, 1997.

FREUDENBERGER, H. J. Staff burnout. **Journal of Social Issues**, v. 30, p. 159-165, 1974. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-4560.1974.tb00706.x> Acesso em: 20/06/2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIMA, J. J. SANTOS JR., G., & XAVIER, A. A. P. **Análise de dependência da QVT sobre produtividade**: estudo em operadores de caixa de uma praça de pedágio. Anais do I Congresso Brasileiro de Engenharia de Produção (CONBREPRO), Ponta Grossa, PR, 2011. Disponível em: <http://anteriores.aprepro.org.br/conbrepro/2011/anais/artigos/Ergonomia%20e%20seguranca%20do%20trabalho/Psicologia%20do%20trabalho/A743.pdf> Acesso em: 20/06/2022.

LEÃO L.H.C., MINAYO-GOMEZ, C.M.. A questão da saúde mental na vigilância em saúde do trabalhador. **Cien. Saúde Coletiva**, v.19, n.12, p.4649-4658, 2014.

LORENTZ, Cacilda Nacur; LIMA, Luiz Cláudio; MAESTRO FILHO, Antônio Del. Assédio Moral: Reflexões sobre seus Impactos nas Organizações, no Papel e na Responsabilidade dos Profissionais de Recursos Humanos. **EnANPAD**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR2443.pdf>. Acesso em: 20/06/2022.

LORIOU, M. **Le temps de la fatigue: la gestion sociale du mal-être au travail.** Paris: Anthropos, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MASLACH, C. Burned-Out. **Human Behavior**, v.5, n. 8, p.16-22. 2014 Acesso em: 20/06/2022.

MASLACH, C., Leiter, M.P.. Early predictors of job burnout and engagement. **Journal of Applied Psychology**, v.93, p.498-512, 2008.

MASLACH, C., Schaufeli, W.B., & Leiter, M.P. . Job Burnout. **Annual Review of Psychology**, v.52, p.397-422, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-397045-9.00149-X>. Acesso em: 20/06/2022.

MASLACH, C., & JACKSON, S.E. .The measurement of experienced Burnout. **Journal of Occupational Behavior**, v.2, p.99-113, 1981.

MELO, L. P.de, & CARLOTTO, M. S. . Programa de prevenção para manejo de estresse e Síndrome de Burnout para bombeiros: Relato de experiência de uma intervenção. **Estudos de Psicologia**, v.22, n.1, p.99-108, 2017.

MOSS, M., GOOD, V.S., GOZAL, D., KLEINPELL, R., & SESSLER, C.N. . An official critical care societies collaborative statement: burnout syndrome in critical care healthcare professionals: a call for action. **American Journal of Critical Care**, v.44, n.7, p.1414-1421, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/CCM.0000000000001885> Acesso em: 20/06/2022.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-11 [Internet]. Brasília, DF: OMS/DATASUS; 2008. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm> Acesso em: 20/06/2022.

PADILHA, V.. Qualidade de vida no trabalho num contexto de precarização: A panacéia delirante. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.7, n.3, p.549-563, 2010.. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462009000300009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462009000300009&script=sci_arttext). Acesso em: 20/06/2022.

SIMÕES, F. I. W.; F. Adoecimento no trabalho: um estudo de caso. **R. Laborativa**. v. 2, n. 2, p. 73-85, out./2013. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>. Acesso em: 20/06/2022.

SCHAUFELI, W. & BUNK, B. . Burnout: An overview of 25 years of research and theorizing. In M. J. Schabracq, J. A. M. Winnubst & C. L. Cooper (Orgs.), **The Handbook and Health Psychology**, p.383-425, 2003. Nova York e Londres: J. Wiley & Sons. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/0470013400.ch19>. Acesso em: 20/06/2022.